

QUANDO VOCÊ SABE QUE ENVELHECEU

Roberto DaMatta

Antropólogo e professor da Pontifícia Universidade Católica – PUC-Rio

Deve mesmo haver uma diferença entre ficar e se sentir velho. Como me disse outro dia um jovem médico com benevolência, eu era um jovem de idade. Se assim for, você sabe que ficou (mas que não está) velho quando o passar dos anos — com todas as alegrias, sucessos, doenças, vergonhas, decepções e sofrimentos neles contidos — confere a você uma inesperada energia e uma imutável e até mesmo intrusiva juventude, pois (que me desculpem os cultores das visadas reducionistas: biológicas, econômicas ou políticas) o simbólico é justamente o ar que escapa do pneumático. O que tem me surpreendido no meu abençoado encontro íntimo e singular com esse mestre dos mestres, o infindável e inexorável senhor Tempo, é descobrir os que não manifestam nenhum estranhamento diante da vida. A começar pela consciência de que este nosso mundo é maravilhoso porque — embora a morte esteja ao redor e dentro de nós — somos todos englobados pela vida. Há bilhões de astros que brilham no céu eterno e infinito, mas são mortos, ou acesos demais para suportar essa nossa vida que enlaça tudo com tudo.

O caminhar com o Tempo tem me levado a perceber como eu me diferencio dos realistas-reducionistas que, sem o senso do transitório como milagre, continuam acreditando que tudo é mesmo “político” no sentido cru e nu da expressão. Deste modo, os fatos seriam rasos e sempre motivados por interesses ou mentiras que bobocas como eu não conseguem enxergar. Nada como uma fórmula eterna para escapar da finitude e deixar de lado esse outro efeito da passagem pelos dias: o extraordinário peso das lápides que vão se acumulando nas nossas cabeças.

Lápides que, como os livros, emparedam histórias, e moralidades. “Romances”, como me disse um dia, faz mais de meio século, em belo tom romântico, uma desdentada senhora sertaneja que vivia ao longo dos caminhos pouco trilhados que me levavam a aldeias indígenas a serem evitadas de tão primitivas, pobres, selvagens e animaisca que eram como, até hoje, querem alguns políticos.

“Minha vida, seu doutor menino, é um romance”, disse ela, ao lembrar de dois casamentos: um por arranjo patriarcal pois, menina e bela, havia sido comprada por um comerciante “potentado” por alguns sacos de feijão; o outro, por paixão arrebatada que a fez pular a janela entre aqueles abraços apertados que nos dão tontura e cegueira.

Todos temos vidas de romance. Nossos momentos mais sublimes e nossas horas mais duras, vergonhosas e amargas, são todas histórias maravilhosas desde que contadas. Desde que postas em algum lugar fora do mundo por um narrador que as enquadre e transforme em lenda, poesia, confissão, filme, anedota, exemplo ou milagre porque adquirem um início, um miolo e um fim. Pois todo relato tem uma primeira e uma última vez; tem uma palavra lacrimejada, inicial; e um adeus definitivo: arrematador e derradeiro. Essa propriedade conferidora de plenitude humana que o narrar, o recapitular, o rememorar e — eis uma bela e nobre palavra — o recordar, o falar com o coração, o relato onde o humano se revela por inteiro porque está com os outros,

(Continua na página 2)

Uso exclusivo dos Correios	Data da reintegração
<input type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Falecido <input type="checkbox"/> Recusado <input type="checkbox"/> Mudou-se <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente <input type="checkbox"/> Não existe o nº. indicado <input type="checkbox"/> Desconhecido <input type="checkbox"/> Outros (especificar) _____	Rubrica do carteiro

Um “artigo-reflexão” interessante do antropólogo Roberto DaMatta abre esta edição, por especial gentileza de seu autor, a quem agradecemos.

Nossas *Notas e Comentários*, embora breves, trazem novidades que merecem ser acompanhadas – e vividas – por todos os aspianos, pois falam de projetos em andamento que estão sendo desenvolvidos como mais uma opção de lazer e entretenimento...

Viajar pela seção *Artigos* nos ajuda na compreensão do mundo global e nos leva também a refletir acerca do nosso cotidiano, pelos excelentes textos de Ralph Miguel Zerkowski (*O Caso Brasileiro – As diversas correntes e vertentes da esquerda*, do tema “O Curto Século XX – Marxismo, Comunismo e Socialismo no Brasil e no Mundo”); de Waldimir Pirró e Longo (*O cenário estratégico mundial: a concentração do poder – parte 1*), integrante de “Impactos Sociais do Desenvolvimento Científico e Tecnológico”); e ainda o da aspiana Delba Guarini Lemos, que nos apresenta uma releitura da reportagem “Mães da classe média elegem a Escola Pública, para a educação de seus filhos”, com alguns comentários do ministro Fernando Haddad, em “Educação: duas visões”, recentemente publicados na mídia.

Finalizando, na seção *Debates* pode ser conferido o artigo “Bens Materiais e Felicidade”, do professor Antônio Veloso, cedido por obséquio do autor ao nosso *ASPI-UFF Notícias*. O artigo faz parte do livro *Ecologia Espiritual – Uma história do Corpo de Bombeiros*, publicado em homenagem ao sesquicentenário daquela Corporação brasileira.

QUANDO VOCÊ SABE QUE ENVELHECEU

(Continuação)

realiza. Eis a base e o solo no qual vivemos e, depois, somos enterrados. Mas, graças às nossas vidas contadas, ressurgimos em histórias que, imediatamente, pelo milagre da transitoriedade, tornam-se exemplo.

É esse ser santo ou filho da puta que nos liquida já no hospital, no velório ou no funeral, pois todo mundo vive e morre muitas vezes.

Muitos gostariam mesmo de ser comidos por vermes e não pelas histórias que produziram e pelas quais serão sempre lembrados. Só a visão preconceituosa, racista, populista ou dogmática afirmaria que algumas existências (vividas em meio ao luxo nababesco, ao poder supremo e despótico, na extrema miséria, no limite da irresponsabilidade pública tão nossa conhecida, na doença sofrida e incurável) não teriam (ou dariam) um romance. Quando, na verdade, a humanidade toda é romance. É motivo. É um caso sempre realizado pela palavra porque é desejo, erro, maldade, generosidade e ponto de vista. Tal como a história que me foi relatada e que terminava com um glorioso: “Então, doutor menino, eu fui obrigada a seguir aquele moço que me queria de verdade e fugi de casa sem receber a bênção do meu pai...”

O velho conto da moça roubada e amaldiçoada; da sertaneja pobre, feia e velha que ia ficando rica, jovem e bonita na medida em que se romaneava a si mesma e, graças aos meus ouvidos, ia tecendo o encontro e promovendo essas heranças feitas de indiferença, ressentimentos, verdades relativas, terríveis vergonhas e culpas justificadas. Essas intenções claras e resultados imprevistos. Na vida, temos que fingir que sabemos (e suportamos) os eventos imprevistos; na arte (e nas histórias), ficamos sabendo exatamente como o caso terminou, embora jamais possamos saber como nossas vidas vão se fechar. No meio dessas recorrências, meu caro, você descobre que permaneceu jovem, mas envelheceu.

Publicação da Coordenação de Assuntos Culturais da Associação dos Professores Inativos da Universidade Federal Fluminense

Jornalista responsável:

Neusa Pinto – Reg. MTPS n.º 12.255

Equipe de redação:

Ceres Marques de Moraes,

Ana Maria dos Santos,

e Neusa Pinto

Data de fundação da ASPI-UFF:

14 de julho de 1992.

Sede:

Rua Passo da Pátria 19, São Domingos

CEP 24210-240 – Niterói, RJ

Tel.: (21) 2622-9199 e

2622-1675 (telefax)

E-mails: aspiuff@aspiuff.org.br ou

aspiuff@urbi.com.br e

aspiuff@veloxmail.com.br

Site: www.aspiuff.org.br

Diretoria Biênio 2009/20011

Presidente:

Aidyl de Carvalho Preis

1º Vice-Presidente:

Acyr de Paula Lobo

2º Vice-Presidente:

Rogério Benevento

Secretária Geral:

Magaly Lucinda Belchior da Mota

Secretária Adjunto:

Nilza Simão

Tesoureira Geral:

Dalva Regina dos Prazeres Gonçalves

Tesoureira Adjunto:

Léa Souza Della Nina

Conselho Deliberativo (membros efetivos):

Acrísio Ramos Scorzelli

Darcira Mota Monteiro

Delba Guarini Lemos

Ilka Dias de Castro

Isar Trajano da Costa

Jorge Fernando Loretti

Luiz César Aguiar Bittencourt Silva

Márcia Japor de Oliveira Garcia

Maria Felisberta B. da Trindade

Márcia Japor de Oliveira Garcia

Ralph Miguel Zerkowski

Sheilah Rubino de Oliveira Kellner

Conselho Fiscal (membros efetivos):

Antonia Vasconcelos Dias de Azevedo

Joaquim Cardoso Lemos

Luiz Olympio Vasconcellos

Maria Bernadete Santana de Souza

Nésio Brasil Alcântara

Coordenadora de Assuntos Acadêmicos:

Nélia Bastos

Coordenadora de Saúde:

Magaly Lucinda Belchior da Mota

Coordenador de Assuntos Jurídicos:

Acyr de Paula Lobo

Coordenadora de Assuntos Culturais:

Ceres Marques de Moraes

Coordenadora de Integração Comunitária:

Lúcia Molina Trajano da Costa

Coordenadora de Lazer:

Léa Souza Della Nina

Gerência de Projetos Especiais:

Aidyl de Carvalho Preis

Projeto Gráfico:

Cecília Jucá de Hollanda

Revisão

Damião Nascimento

Serviços Gráficos

Gráfica Falcão



IMPACTOS SOCIAIS do Desenvolvimento Científico e Tecnológico

/ Waldimir Pirró e Longo

(Continuação)

7^o IMPACTO: O cenário estratégico mundial: a concentração do poder (Parte 1)

No final do século XVI, Francis Bacon, um dos formuladores dos pilares do que viria a ser a Ciência Moderna, já afirmara que “conhecimento é poder”.¹ Ao longo do tempo, e principalmente a partir do século XIX, tornou-se claro que a capacidade científica, associada à capacidade de inovar na geração de bens e de serviços intensivos em conhecimentos científicos, passaria a ser fator determinante do poder relativo entre as nações nas suas expressões política, econômica e militar,² e superando as vantagens comparativas tradicionais entre as nações (extensão territorial, terras apropriadas à agricultura, disponibilidade de matérias-primas, de energia e de mão de obra abundante e barata).³ Um exemplo clássico é o Japão que, com um território de apenas 378 mil km², é importador de energia, de matérias-primas industriais e de alimentos, e tem mão de obra das mais bem pagas do planeta, e, mesmo assim, é uma potência econômica, graças à sua capacidade tecnológica inovadora.

Como observou Golbery,⁴

...o progresso vertiginoso da ciência aplicada e da técnica, sobretudo no que se refere à movimentação do homem e de suas riquezas e à difusão das idéias, aplicadas em escala nunca vista (...), através de todas as latitudes e todas as longitudes e por quaisquer obstáculos antes qualificados intransponíveis, tende a (...) explodir todo o sistema de compartimentação espacial que vinha caracterizando o mundo de nossos dias, desde que os Estados-Nações surgiram e se firmaram (...) como unidades soberanas de cristalização efetiva do poder. Neste mundo tornado, potencialmente, um só, (...) a brusca redução das distâncias a escalas quase provinciais, a transmissão por assim dizer instantânea das ações e reações entre Estados, (...), haveria de emprestar às relações internacionais um dinamismo potente e febril, uma multidimensionalidade que a todos os instantes extravasa, (...), do campo político tradicional para o militar, o econômico e o psicossocial, numa complexidade desconcertante que desafia os analistas e dificulta a tomada de decisões estratégicas, oportunas, adequadas e eficazes.

Segundo Sachs,⁵ aludindo à economia mundial nas últimas décadas, o mundo não mais se divide por ideologias (referindo-se à Guerra Fria), mas pela tecnologia, podendo-se agrupar os países e/ou regiões em três partes: “uma pequena parte (...), que domina o cenário mundial, política, econômica e militarmente, estabelecendo “as regras do jogo” em nível global e fornece quase todas as inovações tecnológicas existentes, especializou-se na produção de bens e de serviços nos quais é intensiva a agregação de valores intangíveis, minimizando o seu envolvimento na produção de *comodities* e de produtos manufaturados intensivos em energia, matérias-primas e mão de obra e tornando-se, no fundo, grande

exportadora de bens intangíveis (basicamente conhecimentos e valores simbólicos); uma segunda parte (talvez metade da população mundial), “pronta” a adotar essas tecnologias; e a restante (1/3 da população mundial), tecnologicamente marginalizada (não inova nem adota tecnologias externas), como: o sul do México, os países andinos, a maior parte do Brasil tropical, a África Subsaariana tropical e a maior parte da antiga União Soviética, nem sempre reproduzindo o traçado das fronteiras nacionais. Esse hiato científico e tecnológico, entre os desenvolvidos e os demais países, pode ser creditado às disparidades econômicas e sociais entre eles, ao dinamismo da evolução da ciência e da tecnologia e à intensa competição global, que tende a dificultar a cooperação vertical. Além disso, os países em desenvolvimento não se beneficiam, na amplitude e profundidade desejáveis, do uso das conhecidas Tecnologias de Informação e de Comunicação (TICs), em função de pouca oportunidade e disponibilidade econômica. As dificuldades de uso em relação às tecnologias modernas mais relevantes e seus processos de produção, por serem fruto da aplicação de conhecimentos científicos, acabam sendo altamente discriminatórias: quem não tiver competência científica e capacidade tecnológica, mesmo que disponha dos demais fatores de produção (capital, mão de obra e matérias-primas), ficará à margem, resultando disso a concentração do poder em todos os níveis: no individual (o extraordinário valor do “novo operariado”, que tem dado origem a uma nova visão das relações capital/trabalho); e no setor empresarial (fusão de empresas em grandes conglomerados tecnológicos, não confinados a fronteiras nacionais e que tendem a se aglomerar em torno de fortes lideranças científicas e tecnológicas para formarem blocos econômicos e, por extensão, políticos e militares).⁶

Para Dreifuss (1997),^{7, 8} esses avanços científicos e tecnológicos, aliados aos das comunicações e dos transportes e à ação das empresas multinacionais, dinamizaram três grandes processos de transformação: a “mundialização” dos estilos, usos e costumes (cultura metanacional); a “globalização” tecnológica, comercial, da produção, dos mercados e das finanças (transnacional); e a “planetarização” da gestão e da regulamentação (supranacional), cujos processos têm gerado preocupantes problemas resultantes da acelerada dinâmica das transformações sociais, sem falar dos conflitos relativos aos interesses microeconômicos das empresas globais (lucro e supremacia em mercados sem fronteiras), e aos interesses macroeconômicos dos estados nacionais, com suas demandas sociais e busca de preservação de soberania.

Assim, a “globalização” das finanças e da produção está dominada e capitaneada por empresas (de não mais do que duas dezenas de países) não dispostas a abrir mão do gozo de subsídios, reservas de mercado e barreiras não alfandegárias, mas que exigem, com o apoio de seus governos, a abertura total e irrestrita dos mercados dos outros. A produção tende a se localizar de acordo com as chamadas “vantagens comparativas locais” (mão de obra barata e abundante, disponibilidade (Continua na p.5)

¹BACON, F. *Meditationes Sacrae. De Haeresibus*, Londres, 1597.

²Como foi dito anteriormente, tal realidade, que já se delineava claramente por ocasião da 1^a Grande Guerra, cristalizou-se três décadas depois, após o desfecho do segundo conflito mundial.

³LONGO, W.P. *O desenvolvimento científico e tecnológico e seus reflexos no sistema educacional*, Revista TC Amazônia, ano 01, nº 1, p. 8-22, Manaus, 2003.

⁴SILVA, Golbery do Couto e. *Conjuntura política nacional, o poder executivo & geopolítica do Brasil*, Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1981.

⁵SACHS, J. *A new map of the world*, The Economist, abril de 2000.

⁶LONGO W.P. e BRICK, E.S. *Entraves ao acesso à tecnologia*, Anais do IV Seminário Internacional de Transferência de Tecnologia, Rio de Janeiro, 1992.

⁷DREIFUSS, R. A. *A época das perplexidades*, Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997.

⁸DREIFUSS, R.A. *Transformações: matrizes do Século XXI*, Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.

ASPI-UFF “sob nova direção”

Aguardem notícias da transmissão dos cargos da nova Diretoria e Conselhos da ASPI, marcado para o dia 25 de maio, no próximo Boletim...

ASPI homenageia as Mamães aspianas com programação especial

Como esperado, foi muito alegre e concorrida a comemoração do Dia das Mães e aniversariantes, no dia 14 de maio, na ASPI, logo após o tradicional almoço no restaurante *Tio Cotó*.

Foram várias as homenagens especiais às mães aspianas, desde o belíssimo cartão e lembrancinhas ofertados, as canções interpretadas pelo Coral “Cantar é Viver” e solistas Marica Japor de O. Garcia, Maria Helena Teixeira Neves e Ademar Barreto Barros Filho, sob a regência do maestro Joabe Ferreira, como também a apresentação do nosso “cantor romântico”, Mário Della Nina que, com sua bela voz, brindou a todas as celebradas com o lirismo italiano expresso em *Mamma, son tanto felice...* Também o professor Robert Preis, com a emoção e o humor de todos conhecidos, ofertou algumas poesias (uma, inclusive, que fez para os netinhos recitarem para suas mães) das quais trazemos, aqui, *Minhas mães atuais e atuantes*, oferecendo-a às mães que, por um ou outro motivo, não puderam vir à ASPI confraternizar...

**Minhas mães atuais e atuantes**

Antes velavam por mim
Que era um simples “estrangeiro”:
O Consulado Alemão e,
Pelo “*Nada Consta*”,
O Governo Brasileiro.

Agora, que sou “Brasileiro Naturalizado”,
Sinto-me, por ambos, abandonado.
Estaria no Brasil até “sem eira nem beira”,
Se não fosse Aídy, minha esposa brasileira,
E a ASPI-UFF, uma mãe verdadeira.

Robert Preis, 14/05/2009

E, como acontece nos nossos almoços, a tarde contou com a musicalidade de dona Clotilde Loureiro ao piano...

Os Inconfidentes...

“Véspera de feriado, já é feriado”! Com estas palavras, uma aspiana expressou a frustração pela falta de público à sessão de *Os Inconfidentes*, dia 30/4 p.p. Foi uma pena...

Mas, não poderíamos deixar de registrar a presença do ilustre comentarista convidado, prof. Humberto Fernandes Machado, que atendeu, com a gentileza de que é próprio, ao convite da coordenação do *Cineclube*.

Do filme *I Remember Mama*, programado para o dia 21/5, com o debate a ser conduzido pela aspiana e atriz Suely Braga Leite, falaremos no próximo Boletim, em face de a data do fechamento deste ser anterior ao evento...

A próxima atração do *Cineclube* – dia 18 de junho – será

o filme *Acima de qualquer suspeita* (*Presumed Innocent*), suspense norte-americano (1990) estrelado por Harrison Ford e dirigido por Alan J. Pakula. O filme é uma adaptação cinematográfica do livro *Presumed Innocent* (1987), de Scott Turow. O debate será coordenado pelo professor Acyr de Paula Lobo, da área de Direito e *expert* em cinema (já foi coordenador até de Cineclube...).

E, como sempre há novidades na ASPI, o *Cineclube* não poderia fugir à (quase) regra: para o mês de agosto, contamos com o apoio de todos os aspianos para decidir que filme apresentaremos, dentro de um rol preliminarmente selecionado (o critério foi: ser um bom filme e fácil de encontrá-lo nas locadoras ou com amigos): *Amadeus* (*Amadeus*, drama, 1984), *O Pianista* (*Le Pianiste*, drama, 2002), *Perfume de mulher* (*Scent of a Woman*, drama, 1992), *Sobre meninos e lobos* (*Mystic River*, suspense, 2003), *Quando os anjos falam* (*A Rumor of Angels*, drama, 2003) e *Pão e tulipa* (*Pane e Tulipeni*, romance, *cult*, 2000).

Caso alguém queira fazer outra sugestão, pode entrar em contato com a professora Sheilah Kellner ou Neusa Pinto, na ASPI, até o dia 10 de julho (21-2622-1675 ou 2622-9199). Vamos melhorar este projeto? Enquanto isso, não deixe de se programar para assistir ao *Acima de qualquer suspeita*. Dia 18/6.

Venha, divulgue, traga amigos!

Um depoimento de grande valor histórico

Dentre as numerosas comemorações em homenagem à “Mulher”, no último mês de março, destacamos a que foi prestada à nossa ilustre colega Alídes de Souza Pinto pela CODIN (Coordenadoria dos Direitos das Mulheres de Niterói), da Prefeitura Municipal de Niterói, hoje sob a coordenação da professora Satiê Mizubuti, em colaboração com a Escola de Enfermagem, dirigida pela professora Sidênia Alves Sidrião de Alencar Mendes.

Alídes foi escolhida pelos seus pares, em reconhecimento aos seus méritos pessoais e participação em um momento crucial da Escola de Enfermagem da UFF quando, prestes a encerrar suas atividades por falta de recursos, foi salva pela intervenção direta do então governador do estado Roberto Silveira.

Mas, vejamos seu depoimento...

Falar sobre o governador Roberto Silveira é sempre gratificante, por tratar-se de homem público, humano, que visava ao bem-estar do povo.

Ao tomar conhecimento da situação precária da Escola de Enfermagem, o governador Roberto Silveira convidou a diretora, professora Aurora de Afonso Costa ao seu gabinete, a fim de esclarecer a real situação da Escola, que se encontrava prestes a fechar as portas. Aceito o convite, a professora explicou a situação: “atraso de salário dos professores e funcionários, falta de crédito para alimentação, dificuldade no transporte para o estágio hospitalar, face ao péssimo estado do ônibus, falta de Bolsa de Estudo para alunos, enfim, não temos condição para continuar, falta tudo, não temos nada”.

Ao término do exposto, o governador Roberto Silveira, com um abraço, falou: “Professora Aurora, a sua Escola, a nossa Escola, não vai fechar, eu garanto”.

A providência foi imediata, cumpriu tudo o que foi prometido. Renasceu a Escola de Enfermagem.

A professora Aurora, ao tomar conhecimento do trágico acidente que sofreu o governador Roberto Silveira, mandou, imediatamente, a Petrópolis, três professoras enfermeiras, para assisti-lo. Uma delas sou eu, Alídes.

Das três professoras enfermeiras, que assistiram o Governador, a professora Alídes é a última sobrevivente, o que valoriza sobremaneira o seu importante depoimento histórico.

Videoteca do Cineclube ASPI-UFF

Registramos novas doações: uma, anônima, o DVD: *Jobim, Vinicius & Toquinho com Miucha*; outra, o filme *Os melhores anos de nossas vidas*, VHS, em duas partes, dirigido por William Wyler, oferecido pela aspiana Amanda Celeste Pimentel.

Aproveitamos para, daqui, agradecer à generosidade das doações. E, assim, com o apoio de tantos, estamos formando um acervo bem interessante... Aguardem, no próximo mês, a relação dos filmes já disponíveis para empréstimo.

Mais uma novidade aspiana...

A *turma* da ASPI não brinca em serviço. Na hora de “inventar idéias”, as aspias não têm limites: em face do grande acervo de obras que foram doadas ao longo do tempo, a ASPI está implementando dois novos interessantes projetos: “Organização de Acervo” e “Sala de Leitura”. Os trabalhos, coordenados pela professora Maria Nylce Taveira, conta com a colaboração das aspias Regina Célia Pereira da Rosa, Márcia Japor de Oliveira Garcia e da própria presidente da ASPI, Aidyl de Carvalho Preis, além da consultoria da bibliotecária Neide M. da Graça.

Com a “Sala de Leitura”, as obras também poderão ser emprestadas, a exemplo de um *Círculo do Livro*.

Inicialmente, estão sendo selecionados os livros que farão parte do projeto, abrangendo: obras de aspias (romances, poesia etc.), literatura (romances, poesias, crônicas, contos) e outros.

Será mais uma opção de lazer que a ASPI está preparando para seus associados. Aguardem o lançamento da Sala de Leitura, em data próxima...

Orgulho nacional...

O Brasil alcançou a 13ª posição na classificação mundial em produção científica em 2008 e ultrapassou a Rússia (15ª) e a Holanda (14ª). De 19.436 artigos em 2007, essa produção subiu para 30.451 publicações no ano passado, crescimento de 56%. Os dados são do *National Science Indicators*, base de dados estatísticos sobre pesquisa e ciência que reúne dados atualizados de mais de 180 países.

Fonte: Recebida de: emquestão@secom.planalto.gov.br. Em 6/05/09.

Nota de falecimento

Cumprimos o dever de informar o falecimento do caro aspiano **Dr. Clarimesso Machado Arcuri**, que foi do Departamento Materno-Infantil (MMI).

À família e amigos os nossos sentimentos, orando ao Pai Celeste que o receba em Sua glória.

Proibida mensalidade de ponto-extra na TV por assinatura

Desde o dia 22/04 está em vigor a Resolução 528/09, da Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações), com as novas regras relativas aos direitos dos assinantes de TV por assinatura. Uma das novidades é a proibição de cobrança de mensalidade pelo ponto-extra, o que era motivo de polêmica por parte dos consumidores. Mais informações podem ser obtidas no sítio indicado abaixo.

Fonte: <http://www.idec.org.br/emacao.asp?id=1919>. Acesso em 14/05/09

Novos aspias

Com grande alegria, saudamos os mais novos aspias: os professores **Cyana Maria Leahy-Dios**, que vem do Instituto de Letras, e **Orlando Alcino Mendes**, oriundo do Instituto de Matemática.

É sempre bom, quando a “família” aspiana recebe novos “filhos”. É assim que nos fortalecemos.

Impactos Sociais do Desenvolvimento Científico e Tecnológico *(Continuação)*

de matérias-primas, energia, frouxa regulamentação ambiental, acesso à poupança local etc...). Na “mundialização” dos costumes e da cultura, graças ao poderio econômico e supremacia tecnológica, o consumo imitativo das sociedades avançadas se espalha até os grotões do “terceiro mundo”, o que é lamentável sob o ponto de vista antropológico. Quanto à “planetarização” da gestão e da regulamentação, ela está se dando na direção requerida pelas empresas globais, respaldadas pelos seus respectivos governos nos fóruns multilaterais e organismos internacionais (FMI, OMC, WB etc...., que têm imposto regras “globais” de gestão que tendem a enfraquecer os Estados nacionais periféricos).⁹ Além disso, há a

⁹Para se constatar o que se está afirmando sobre a “globalização” e a “planetarização”, basta, como exemplo, uma análise do que vem ocorrendo na Rodada de Doha, da Organização Mundial do Comércio.

“satelitização”: países de fortes lideranças¹⁰ impelindo os países retardatários a gravitarem ao seu entorno, complementando e ampliando, assim, o seu Poder Potencial, com reflexos positivos no Poder Efetivo.¹¹

Para compensar as assimetrias apontadas, os países periféricos tendem a se unirem para um enfrentamento mais forte quanto aos aspectos negativos do processo civilizatório em marcha.

(continua no próximo número)

¹⁰São os chamados “blocos econômicos” regionais ou sub-regionais, dos quais os mais importantes são: os EUA liderando o NAFTA e propondo a ALCA, e a União Européia-EU, liderado tecnologicamente pela Alemanha, Inglaterra e França e avançando para o Leste Europeu e, possivelmente, projetando-se para a África.

¹¹O Poder Efetivo (PE) de um país, num dado instante, está associado à sua capacidade em transformar em riqueza e poder as disponibilidades físicas, próprias ou de terceiros.



Mães de classe média elegem a Escola Pública para a educação de seus filhos

Delba Guarini Lemos

Oriunda da Faculdade de Educação e doutora em Filosofia

Num país em que a maioria das famílias de classe média ou alta vê o ensino privado como única opção, uma parcela desse grupo, embora muito pequena, foge à regra e matricula seus filhos em escolas públicas, na busca de um ambiente diversificado que, os colégios particulares, por serem pagos, são incapazes de proporcionar.

Foi esta a opção de Andréa Beltrão, atriz e mãe de três filhos, que considera a escolha natural: “estudei em escola pública e minha mãe deu aula no Colégio Pedro II. Por isso quis para os meus filhos uma escola em que o critério de entrada não fosse o dinheiro. Meus filhos estudam com filhos de médico, de porteiro, de servente. Todos vestem o mesmo uniforme (...)”. Além disso, pondera, “a escola pública de qualidade é um direito de todos. Mas procuro, também, ajudar bastante a escola e fico muito feliz ao perceber que vários pais fazem o mesmo.” Afirma, ainda, a atriz que o fato de seus filhos poderem ter um nível de consumo maior que o dos colegas não dificulta a convivência entre eles: “aliás rola um constrangimento maravilhoso se um aluno quiser ostentar dentro da escola...” é inadmissível fazer isso num lugar onde a filosofia é “não risque seu caderno, porque no ano que vem outras crianças vão usá-lo”. Lá se destaca quem tirar notas mais altas e não quem tem mais para ostentar... Esta é outra vantagem citada por pais que optaram pela rede pública: a mudança em hábitos de consumo, uma vez que “a pressão consumista diminui bastante, pois não existe tanto essa coisa de eles quererem usar na escola calça de marca ou tênis da moda”.

Casos como esses ainda são minoria nas famílias mais ricas. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, do IBGE, mostram que, em 2007, apenas 16% das crianças, nas famílias de maior renda (mais de cinco salários mínimos *per capita*), estudavam em escolas públicas. Em 2007, eram apenas 12%.

Como não abre mão da qualidade, esse movimento da classe média, em direção à escola pública, ainda é restrito aos poucos estabelecimentos estatais que conseguem manter alto padrão de aprendizagem, como é o caso da escola municipal Minas Gerais, no Rio de Janeiro, incluída em 2006 numa lista do MEC e do UNICEF, de escolas públicas modelo.

Todos nós sabemos como é difícil educar, hoje, o jovem, dentro de uma sociedade consumista e hedonista, pautada por valores como o poder, o dinheiro e o prazer.

Uma mãe engenheira, que tem filhos em escola pública, não se abala quando ouve que seus filhos poderiam estar estudando na rede particular, liberando a vaga para alunos mais pobres: “Eu pago impostos e tenho os mesmos direitos que qualquer cidadão. Sempre estudei em escola pública e acho que se a classe média não tivesse abandonado a escola pública, quando ela começou a piorar, hoje, certamente, a situação do ensino não seria tão ruim”.

A diretora da rede de ensino do colégio federal Pedro II, Ana Fonseca, lembra que “para se beneficiar dessa diversidade sociocultural, que caracteriza a escola pública, é preciso preparo... temos algumas estratégias para fazer com que todos tirem o máximo proveito possível... nossa grade curricular, por exemplo, permite que o aluno se desenvolva em várias áreas de conhecimento”.

Esses benefícios não são comprovados apenas pelo discurso de diretores de escolas públicas. Avaliações internacionais e nacionais mostram que, em redes onde a distância entre melhores e piores alunos é menor, os resultados, na média, são melhores. A menor desigualdade no desempenho dos estudantes, por exemplo, é uma característica da Finlândia e de Hong Kong, que obtiveram os melhores resultados

na última avaliação do Pisa, exame internacional, que compara o aprendizado em ciências, leitura e matemática, em diversos países. Em comum às duas nações está o fato de mais de 90% dos alunos estudarem no mesmo tipo de escola (pública, no caso da Finlândia e particular, com financiamento governamental, no caso de Hong Kong). Os benefícios, da menor desigualdade, aparecem também em avaliações nacionais: pequenas cidades do interior, das regiões Sul e Sudeste, onde há maior presença da classe média na rede pública de ensino aparecem, com frequência, entre as melhores nas avaliações do MEC. No ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), por exemplo, o melhor desempenho médio dos alunos é encontrado nas cidades do Rio Grande do Sul, estado em que a distância entre as notas da rede pública e da rede particular é menor.

Comentando os problemas da educação brasileira, em artigo intitulado “Educação: duas visões”, o Ministro da Educação Fernando Haddad, na *Folha de S. Paulo*, de 29 de março p.p., diz que a “adesão dos 27 governadores e de 5.563 prefeitos ao Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), do governo federal, pode passar a falsa impressão de que há consenso, acerca do que precisa ser feito pela educação brasileira...” Esse plano fixou para o País, para cada rede e cada escola, metas de qualidade, valendo-se do Ideb, indicador de qualidade que combina o resultado dos exames nacionais de proficiência em matemática e leitura e as taxas de aprovação. Mas, “se há acordo em relação às diretrizes e metas do plano, o mesmo não pode ser dito em relação às estratégias”, tendo o Brasil, dessa forma, se transformado em um “enorme laboratório em que várias concepções de educação vão sendo testadas e experiências trocadas, tendo como pano de fundo o direito fundamental do aluno de aprender”. E, conclui: “dois anos após o lançamento do PDE, é possível agrupar essas estratégias em torno de dois eixos: um mais progressista e outro mais conservador”.

Após discutir o problema do financiamento e da avaliação, o Ministro da Educação se detém no aspecto mais importante: a questão do professor, relacionada com a qualidade do ensino, a excelência da escola, o desejo das famílias e o critério de opção para matricular seus filhos: “uma ala faz recair sobre os ombros do magistério toda a responsabilidade pela baixa qualidade do ensino. As instituições de ensino superior que os formam e os gestores que os contratam, quase nunca são lembrados, embora baixos salários, contratos temporários e formação inicial e continuada precária sejam a regra em nosso país.”

Noutra ala “estão os que entendem que ‘os melhores professores do Brasil são os professores do Brasil’ e que a guerra contra a má qualidade do ensino se ganha com eles, e não contra eles. Defendem o piso nacional do magistério, constroem a carreira com a categoria e procuram corresponsabilizar a classe política e as instituições formadoras pelos destinos da educação”. E concluiu o Ministro, “o Ministério da Educação, a partir de 2005, divulga o Ideb, de cada rede de ensino (...) e, por meio do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), fecha cursos de licenciatura de baixa qualidade”.

Essas são algumas perplexidades com as quais nos deparamos, em face da qualidade da educação, especialmente na busca de uma educação pública de qualidade, direito de todo cidadão.

Fontes: GÓIS, Antônio. *Diversidade leva classe média à escola pública*. *Folha de S. Paulo*, 16 de março/09. Coluna Cotidiano, C1 e HADDAD, Fernando. *Educação: duas visões*. *Folha de S. Paulo*, 29/3/09. Coluna Tendências/Debates.



BENS MATERIAIS E FELICIDADE

Antônio Veloso

Professor de Geografia da UFF e mestre em Geoquímica

Não conheceram o valor inflacionário do dinheiro
A sua moeda era o Sol que brilha para todos
O Sol que é de todos e faz tudo crescer
E se comia duas vezes por dia em todo o Império Inca
Os Espanhóis saquearam o ouro dos templos do Sol
Cunharam moeda e apareceram os primeiros mendigos.

Pe. Ernesto Cardenal

Há necessidade de se possuir um mínimo de bens materiais, para isso precisamos nos esforçar para obter algum dinheiro. Não se pode viver dignamente numa sociedade civilizada, dentro do nosso conceito de civilização, sem dinheiro. Contudo, o dinheiro por si próprio não é um bem, não é riqueza. É apenas um instrumento convencional de troca, que nos permite obter bens reais. Se, por qualquer motivo, o dinheiro acabasse, a sociedade não ficaria mais pobre, apenas teria de inventar um novo meio de realizar as trocas.

Segundo Heródoto, o dinheiro foi inventado na Lídia, Ásia Menor, atual Turquia, como o meio de retribuir as prostitutas pelos seus favores. Os grandes filósofos gregos, como Platão, realizavam o que hoje denominaríamos de escambo. Pagavam suas dívidas em azeite, vinho ou cereais. Tanto o dinheiro não é um bem, que se tivermos centenas de milhões de cruzeiros ou cruzados, moedas que circularam em nosso país até bem pouco tempo, não conseguiremos comprar nada, nem uma simples caixa de fósforos.

Ter dinheiro de menos, ou não ter nenhum, significa viver na miséria, e pelo menos um terço da humanidade vive deste modo. Quem vive na miséria não terá o que comer ou o que dar de comer aos que dele dependem. Junto com a miséria material, vêm sempre outros males: a degeneração das estruturas familiares e sociais, a imundice, a marginalização, a perda das raízes familiares, a irresponsabilidade e a marginalidade social. Como diz um ditado antigo: na casa onde não há pão, todos brigam e ninguém tem razão.

O excesso de dinheiro também não torna as pessoas felizes. Quem é muito rico, não tem nem o direito de fazer coisas que fazemos corriqueiramente: ir a um jogo de futebol no Maracanã ou Morumbi, passear pelos lugares que gosta, ir a uma festa, se divertir no final de semana tomando um chope com os amigos, andar anônimo pelas ruas. Quando faz qualquer destas coisas, o faz cercado por um séquito de seguranças, fortemente armados, que o seguem até o banheiro. Não tem privacidade, anda sempre com medo de sequestro ou assalto. Não tem amigos, pois ama o dinheiro em primeiro lugar. Não lhe é permitido: amizades, descanso e espiritualidade. O dinheiro costuma andar de mãos dadas com a corrupção, que prolifera por meio dele. O amor demasiado ao dinheiro faz a pessoa perder os horizontes éticos, deixando-se comprar, ser subornado, corrompido. Para estes o dinheiro não traz a felicidade, ele é a própria felicidade.

Não passa um mês, sem que os meios de comunicação noticiem um grande escândalo nas esferas governamentais. Todavia, o povo também chega a ser cruel com os nossos políticos, colocando num mesmo saco, honestos e corruptos. Existem muitas piadas acerca dos nossos políticos, somente mostrarei duas, conhecidas da maioria, que demonstram a desconfiança da população em relação à política brasileira. A primeira diz que, graças a Deus, os políticos têm de

dormir à noite, assim não conseguem desviar dinheiro do erário 24 horas por dia. A outra, mais conhecida, diz que Deus, quando fez o Mundo, foi questionado pelo Archanjo que o auxiliava. Senhor! Por que tamanha proteção para aquela terra, e apontava para o Brasil. Lá não há desertos, vulcões, abalos sísmicos, e altas montanhas eternamente geladas. Toda a terra é fértil, com enormes recursos minerais, água em abundância e grandes florestas. Qual a razão de tal proteção? Deus respondeu-lhe: só dizes isso porque não sabes os políticos que aí vão mandar.

É claro que a maioria dos políticos é honesta, responsável e trabalhadora. Porém, na mídia, só as más notícias aparecem. Vivemos num mundo onde a competição ocupa o primeiro lugar. Não importa muito fazer jornais ou revistas de boa qualidade. Importa mesmo é fazer diários ou semanários que as pessoas leiam e discutam. Deste modo, é notícia o assassino, o traficante de drogas ou o sequestrador. Nunca o intelectual, o professor universitário, ou o cientista. O estuprador e não o pai ou mãe de família que trabalham o dia inteiro para alimentar seus filhos. Ou como costumam dizer os jornalistas: é notícia o homem morder o cão, mas não o cão morder o homem.

Haverá solução para a humanidade? Será que somos mais de seis bilhões de loucos que vão se autodestruir coletivamente? Será que estamos fadados a seguir o exemplo do lemingue, rato do Ártico, que quando não há comida suficiente, devido à superpopulação, todos se põem em movimento, passando por cima de tudo o que encontram e se laçam de uma falésia (despenhadeiro) ao mar, praticando suicídio coletivo?

Pessoalmente não acredito que a humanidade esteja definitivamente corrompida. Nem creio que precise ser lançada uma cruzada do bem contra o mal, como falam alguns dos políticos mais poderosos deste planeta, pois o mal sempre são os outros. Também não acredito em falsos profetas, gritando em congressos ou passeatas que é preciso mudar o Mundo, isto é mudar os outros, pois a razão sempre está com eles.

Acredito sim, no simples trabalho de gente humilde. No esforço lento, semeando um pouco de esperança, mudando o nosso próprio coração, e, se possível, da família e um ou dois amigos. Mudar o Mundo não deve ser uma bandeira a ser desfraldada, mas uma planta a ser cultivada. Não deixemos que a propaganda, seja lá do que for, substitua a verdade, achando que o nosso sucesso depende de sermos fumantes de determinada marca de cigarro ou que a beleza depende do sabonete que se use, que uísque é coisa de homem etc.

Mostremos mais interesse pelos problemas universais e não reduzamos tudo aos diversos movimentos políticos. Hoje somos por demais desligados dos problemas que ocorrem no planeta. Conhecemos a fome no Mundo, mas não pensamos nela. Conhecemos o desemprego, mas não nos atinge. Conhecemos a estupidez e a amoralidade das guerras, mas eles lá que se resolvam. Conhecemos a poluição, mas eu poluo tão pouco. Procuremos viver mais espiritualmente, com mais solidariedade. Não deixemos que nos roubem a liberdade de pensar e decidir. Hoje as decisões do coletivo, seja de partidos, religiões ou grupos se superpõem à liberdade individual.

A maioria dos seres humanos não vive, vegeta. Faz tudo automaticamente: levanta-se, toma café, trabalha numa ocupação que não gosta e na qual não vê o fruto de seu trabalho, fala sem dizer nada. Tudo como se fora um andróide. Assim é a pseudovida da humanidade. Felizmente esta não é a realidade do **Corpo de Bombeiros**, e de muita gente, que trabalha e luta com amor à natureza, à profissão e à vida.

¹Extraído de: *Ecologia Espiritual – Uma História do Corpo de Bombeiros – Homenagem ao Sesquicentenário do Corpo de Bombeiros no Brasil*. São Paulo: Atheneu Cultura, 2007, p. 65-67. Texto gentilmente cedido pelo autor.



O CURTO SÉCULO XX

Marxismo, Comunismo e Socialismo no Brasil e no Mundo

/ Ralph Miguel Zerkowski

O Caso Brasileiro – As diversas correntes e vertentes da esquerda.

Muito provavelmente no início do século XX, quando já fervilhavam as idéias de esquerda e particularmente do comunismo na Europa, do lado de cá do Equador, não se tenha ouvido muitos rumores dela.

O nacionalismo foi o berço em que a esquerda brasileira se nutriu. A *Coluna Prestes* foi um dos primeiros movimentos do “tipo esquerda”, bem como o “Tenentismo”, nos quais bandeiras como a da reforma agrária, nacionalização do subsolo brasileiro, figuravam como objetivos.

O movimento modernista de 1922, em São Paulo, traz alguns elementos já com alguns traços marxistas, como é o caso de *Pagu* e Oswald de Andrade.

Foi tão-somente na década de 1930 que se explicitou o “marxismo” como doutrina de maneira mais clara. Publicações como as da Editora Calvino começam a circular e os rudimentos da doutrina começam a ser divulgados.

A relação Vargas e o PCB (aparentemente fundado em 1922) era das mais complicadas. Ora de admiração ora de repressão. Os comunistas de um modo geral estavam decepcionados com o Governo Vargas.

Com a Intentona de 1935, a atitude deixa de ser complacente e os comunistas passam a ser oficialmente inimigos do regime estadonovista.

Após a Segunda Guerra e a queda de Vargas, o comunismo é oficializado através do Partido Comunista Brasileiro de linha soviética, absolutamente ortodoxa e pretendendo implantar o socialismo no Brasil. Mas esta estratégia não se revela muito promissora e o “Partidão” desfalda a bandeira do Nacionalismo com a campanha do “Petróleo é Nosso” e apóia a criação da Petrobras e de um modo geral dá apoio às empresas estatais brasileiras criadas ao longo do Estado Novo.¹

¹Ver: Ronald H. Chilcote; *Partido Comunista Brasileiro – conflito e integração*. Rio de Janeiro, 1982. II Experiência Histórica: 3 - Evolução do Partido 1922 a 1945.

Na agenda econômica dois itens tomavam conta: a criação do mercado interno e as denúncias sobre remessas de lucros das empresas internacionais. A União Soviética evidentemente era o parâmetro definidor do que devia ser uma sociedade. A China só um pouco mais tarde ocuparia os interesses da esquerda e quando da ruptura de relações entre a URSS e a China cindiria o PCB.

Um fato importante foi a adesão do PCB à “burguesia progressista”, isto é, aos industriais brasileiros.² Logo de uma certa maneira havia alguma renúncia nos planos de socialização da Economia. Com isto não concordaram os ortodoxos e fundou-se o PCdoB, que pretendia seguir a batida tradicional tomando agora como modelo a China.

As novas variantes na Europa, tipo Escola de Frankfurt, que denunciavam o consumismo sem necessariamente romperem definitivamente com o Capitalismo e mesmo o Eurocomunismo atuando em linha análoga, foram também transferidas para cá, redundando em novos grupos e novas facções.

Evidentemente que a “queda do muro de Berlim” fez grandes estragos nas hostes da esquerda no Brasil. Mesmo a permanência política da China como país comunista não despertou grandes entusiasmos.

Muito provavelmente a esquerda brasileira, menos informada sobre a evolução ideológica dos partidos comunistas europeus que já tinham o capitalismo como favas contadas, sentiu-se mais abandonada e perplexa. A linha passou a ser a de um “populismo” dentro de um quadro básico de capitalismo.

²Há indícios de que os industriais financiavam o “partidão”. Era uma linha nacionalista-protecionista que surgia. As tarifas aduaneiras tinham sido implantadas no final dos anos 30 e agora estavam em plena vigência tendo sido alteradas para proteger ao máximo a indústria nascente. A aliança acima referida teve o seu ponto máximo durante o governo Juscelino Kubitschek (1956/61) com a intensa industrialização ocorrida no período.

Junho



Aniversariantes

Desejamos aos caros aspianos, muitos anos de vida plenos de bênçãos celestes.

- | | | |
|--|--|--|
| 1 Carlos Augusto Soares da Cunha
Lelia Paiva Guedes e Silva | Maurício Salgueiro Felisberto de Souza | Carmen Lúcia Paiva Silveira
Maria Letice Souto Campos |
| 2 Ceres Marques de Moraes
Márcia Claussen Vilela
Maria Cecília Pereira das Neves Volpi | 12 Ana Lúcia Willcox de Souza
Thereza Maria Lustosa de Castro Faria | 21 Leila Telles Barbosa Scorzelli |
| 3 Moacir Fecury Ferreira da Silva | 13 Gicélia Maria da Silva
Maria Antonia dos Santos Botelho
Riuitiro Yamane | 22 Leila Mendes Assumpção
Nilza Simão |
| 4 Edmundo Antônio Soares
Lúcia Maria Barbosa Romão | 15 Arno Vogel
Leda Maria Castro Neves de Magalhães | 23 Florence June Mello Thomas
Marly Nasser Bernardes |
| 5 José Maria de Paula
Maria Alice Carvalho Ramos
Olmar de Paula | 16 José Franca Conti
Maria Therezinha Arêas Lyra
Waldir Nesi de Freitas Lima | 24 Isabel Lourenço Japor
João Batista Tavares Marins
Marly Alves Gonçalves |
| 6 Antônio Flávio Corrêa Rodrigues | 17 Anna Maria Vianna Martins
Arlete Velasco e Cruz
Benno Sander | 25 Maria José Rodrigues de Castilho |
| 7 Evânio José Sá
Ivan de Oliveira Pires
José Antônio Bastos de Carvalho
Lydia Beatriz de Medeiros Peçanha | 18 Gláucio Corrêa Soares
Jorge Emmanuel Ferreira Barbosa
Tania Gonçalves de Araújo
Thereza Regina Werneck Richa | 26 Cely Araújo Pitombo
Eliana da Silva e Souza
Wagner Rocha |
| 8 Georgette Rosa Chagas
José Carlos Louzada Camilher
Victor de Freitas Fernandes | 19 Lúcia Morena Clark Barreto | 27 Célia Terezinha Maricato Caselli
Maria Helena Teixeira Neves |
| 9 Maria Helena da Silva Paes Faria
Roberto Young | 20 Aidyl de Carvalho Preis | 28 Delma Pessanha Neves
Georgina do Nascimento Marçal |
| 10 Jayro José Xavier | | 30 Ana Maria Freire Tovar
José Maria Campos Nascimento |